

SAÚDE CONECTADA NO CERRADO: UMA PROPOSTA SUSTENTÁVEL DE ATENÇÃO COMUNITÁRIA

Jéssica Baziqueto Mansano Santos¹

Ana Cláudia Ferreira Campos²

Geovana Paula Castro³

Vivianne Vellozo Sá⁴

O Cerrado brasileiro, conhecido como a “caixa d’água do Brasil” por abrigar oito das doze principais bacias hidrográficas do país, enfrenta profundas ameaças ambientais e sociais. Estima-se que mais de 45% do bioma já tenha sido desmatado, o que agrava a escassez hídrica, aumenta o risco de queimadas e compromete diretamente a saúde das populações locais. Segundo dados do IBGE (2022), cerca de um terço da população rural da região não dispõe de acesso regular a serviços básicos de saúde, situação que se reflete em altas taxas de hospitalização por causas evitáveis, como infecções respiratórias, doenças transmitidas por água contaminada e complicações de doenças crônicas. As mudanças climáticas agravam esse quadro, favorecendo a proliferação de arboviroses, como dengue e chikungunya, e intensificando agravos cardiovasculares e renais associados a ondas de calor. Diante dessa realidade, este trabalho apresenta a proposta **“Saúde Conectada no Cerrado”**, uma alternativa simples, sustentável e inovadora para ampliar o acesso ao cuidado em saúde. A iniciativa prevê a instalação de pontos comunitários de monitoramento equipados com dispositivos de baixo custo (glicosímetros, oxímetros, ...), tablets ou celulares com aplicativos de registro em saúde que funcionem mesmo offline, e pequenas placas solares como fonte de energia limpa. O modelo seria operado pelos agentes comunitários de saúde, que já possuem vínculo estabelecido com as famílias e atuam na aferição periódica de indicadores clínicos básicos, registrando as informações em um banco de dados local. A metodologia proposta prevê a avaliação do impacto a partir de indicadores da Atenção Primária à Saúde, como a frequência de encaminhamentos tardios, o número de complicações evitáveis e a taxa de adesão ao acompanhamento de condições crônicas. Para análise qualitativa, seriam realizadas entrevistas com famílias acompanhadas e profissionais locais, permitindo compreender como a iniciativa fortalece a

¹ Discente do curso de Medicina – Unifimes campus Trindade. (jessicabaziquetto@hotmail.com)

² Discente do curso de Medicina – Unifimes campus Trindade.

³ Discente do curso de Medicina – Unifimes campus Trindade.

⁴ Docente do curso de Medicina – Unifimes campus Trindade.

autonomia comunitária. Além disso, rodas de conversa nos pontos de apoio funcionariam como espaços de educação em saúde, abordando prevenção de arboviroses, higiene da água, riscos das queimadas e alimentação saudável. Experiências recentes demonstram a viabilidade da proposta. Durante a pandemia de COVID-19, a telemedicina no Brasil mostrou resultados positivos em áreas remotas, reduzindo deslocamentos e mantendo o acompanhamento de pacientes crônicos. De forma semelhante, projetos de atenção comunitária com apoio tecnológico já foram implementados em comunidades ribeirinhas e quilombolas, revelando que o uso de dispositivos simples pode ampliar o alcance da Atenção Primária sem altos custos. Conclui-se que a “Saúde Conectada no Cerrado” representa uma solução de baixo custo e alto impacto social, que alia tecnologia acessível, sustentabilidade ambiental e protagonismo comunitário. Como perspectiva futura, sugere-se a realização de projetos-piloto que possam gerar dados empíricos sobre sua efetividade, subsidiando estudos mais robustos e contribuindo para a integração da proposta a políticas públicas como o e-SUS Atenção Básica

Palavras-chave: Saúde comunitária. Cerrado. Sustentabilidade. Empreendedorismo social. Inovação.